

# Revista Plan

EDIÇÃO #2  
JANEIRO DE 2009

## juvens

Arte e comunicação  
para conscientizar

## conhecimento

Educação que extrapola  
os muros da escola

## comunidade

Conhecer é o primeiro  
passo para transformar

# aprender sem medo

Brincadeiras humilhantes podem abalar seriamente a formação escolar. Garantir que a sala de aula seja um ambiente acolhedor é o objetivo da nova campanha da Plan

EDITORA  
**MOL**



Plan

[www.plan.org.br](http://www.plan.org.br)

### Plan Brasil

Diretor Executivo: *Moacyr Bittencourt*  
Gerente de Programas: *Gualberto Aldana*  
Gerente de Finanças: *Lisya Said*  
Gerente de Recursos Humanos: *Suzy Veruschka*  
Gerente de Construção de Relacionamentos: *Alexandre Lima*  
Gerente de Mobilização de Recursos: *Flavia Lang*  
Coordenadora de Comunicação e Marketing: *Cristina Bodas*

### Escritório Nacional

Estrada da Batalha, 1200/38, Módulo 1  
Prazeres, Jaboatão dos Guararapes,  
Pernambuco, CEP 54315-570  
Tel.: 81 2119-7575 / Fax: 81 2119-7581

### Escritório São Paulo

Rua Carlos Petit, 161, cj. 81  
Vila Mariana, São Paulo, São Paulo,  
CEP 04110-000  
Tel.: 11 5576-8625 / Fax: 11 5576-8624  
plan@plan.org.br

### EDITORIA MOL

Diretor Executivo: *Rodrigo Pipponzi*  
Diretora Editorial: *Roberta Faria*  
Diretora de Arte: *Claudia Inoue*

### Revista Plan

Coordenação: *Amanda Raha*  
Edição: *Dilson Branco*  
Reportagem: *Francisco Spagnolo, Nina Weingrill*  
e *Simone Cunha*  
Revisão: *Eduardo Toaldo*  
Edição de arte: *André Rodrigues*  
Design: *Juliana Martinhago, Mariana Coan*  
e *Márlia Filgueiras*  
Ilustração: *Mariana Coan*  
Produção: *Laura Sobenes*  
Fotos: *Leo Caldas e Marcio Vasconcelos*

Impressão: *Gráfica Ibepe*  
Papel: *Reciclato 150 gr.*  
Tiragem: *3.000 cópias*

## PLAN

# Transformação de dentro para fora

A Plan Brasil destaca-se dentre as organizações de desenvolvimento comunitário centrado na criança e adolescente pelos inovadores métodos de consulta de base e participação infanto-juvenil que implementa junto às crianças, suas famílias e comunidades.

São cerca de 12 milhões de reais aplicados anualmente em projetos de desenvolvimento comunitário, nas áreas de saúde, educação, segurança alimentar e direitos das crianças, em parcerias com organizações de base e estruturas governamentais municipais, estaduais e federais. Os projetos desenvolvidos pela Plan em 49 países, incluindo o Brasil, orientam-se pela visão de futuro das crianças e suas famílias e pelas prioridades de ação im-

diária identificadas pelas mesmas. São centenas de ações de apoio e promoção comunitárias, com o reconhecimento de que as crianças e adolescentes são efetivos sujeitos de direito, prontos e aptos a se expressar e influenciar ações que afetem seu desenvolvimento.

A Plan Brasil também se projeta como uma organização que busca promover políticas públicas que garantam o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como o engajamento de toda a sociedade nesse grande movimento de construção cidadã.

Com a segunda edição de nossa **Revista Plan**, buscamos informar, motivar e engajar nossos leitores e patrocinadores à progressiva responsabilidade e solidariedade à nossa causa.



### Moacyr Bittencourt

Superintendente Nacional da Plan Brasil



Aprender dentro & fora da sala de aula



A atriz Juliana Alves ao lado das personagens da campanha: Aninha (esq.) e Rita (dir.)

## Participe da nova campanha de marketing da Plan

Estimular a sociedade a divulgar e patrocinar os projetos da Plan: este é o objetivo da nova campanha de marketing da instituição, lançada em dezembro de 2008. Foram desenvolvidos um vídeo para televisão e internet, banners para sites, um spot para rádio e anúncios para publicações impressas. Esse material está disponível para download no site da Plan: [www.plan.org.br](http://www.plan.org.br). Se você trabalha com comunicação, se tem um site, ou se quiser divulgar os projetos da Plan entre seus amigos, vizinhos ou colegas de trabalho, não deixe de baixar.

“Na campanha temos duas personagens: a Aninha, que ilustra a criança que já faz parte dos projetos, e a Rita, que ainda não

teve a mesma sorte”, diz Flavia Lang Revkolevsky, gerente de mobilização de recursos da Plan Brasil. Quem ligar para o número 0300-789-3801 pode doar R\$ 11 para uma criança como a Aninha. Pelo número 0300-789-3802, é possível contribuir com R\$ 16 mensais para o ingresso de uma nova criança nos projetos da Plan.

Além da Rita e da Aninha, quem também está participando da campanha é a atriz Juliana Alves. Ela já se dedicava a projetos sociais havia algum tempo e ficou muito interessada pelo trabalho da Plan. “Logo de cara eu já gostei dos projetos, principalmente devido à região do país para a qual a atuação deles é voltada”, afirma. Não deixe de participar você também!

### Quem somos

A Plan nasceu em 1937 para dar suporte a crianças afetadas pela Guerra Civil Espanhola. Na Segunda Guerra Mundial, ampliou sua atuação para todas as partes da Europa. Nos anos 1950, chegou aos cinco continentes. Hoje, é hoje uma das maiores organizações não-governamentais internacionais de desenvolvimento, trabalhando com 1,5 milhão de crianças. Sem filiação política ou religiosa, atua em 66 países (49 deles atendidos por projetos) e conta com mais de 1 milhão de doadores, dos quais 85% são pessoas físicas.

### Visão

A visão da Plan é a de um mundo onde todas as crianças realizem seu pleno potencial, em sociedades que respeitem os direitos e a dignidade das pessoas.

### Missão

A Plan trabalha para conseguir melhorias duradouras na qualidade de vida das crianças menos favorecidas de países em via de desenvolvimento, por meio de processos que unam pessoas de diversas culturas e acrescentem significado e valor em suas vidas.

### Como trabalhamos

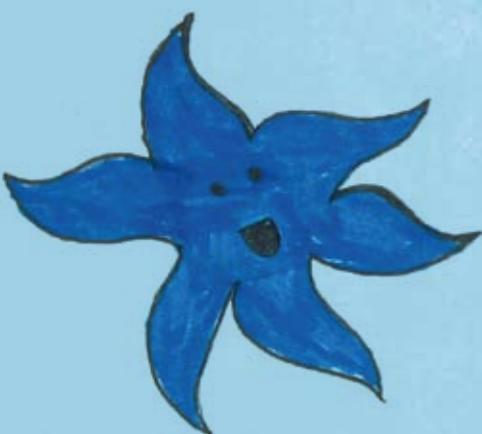
A Plan baseia seu trabalho no desenvolvimento autônomo das comunidades em que atua. O enfoque principal é a promoção e a proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes, considerados protagonistas desse processo, e não apenas beneficiários. Para desenvolver seus projetos com a participação de todos, a Plan considera que é preciso contar com uma presença local, pois é da comunidade que podem surgir os melhores diagnósticos e soluções para os problemas locais.

### A Plan no Brasil

No Brasil desde 1997, a Plan está presente no Maranhão – nas regiões de São Luís e Codó – e em Pernambuco – em Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes, na Grande Recife. São cerca de 50 projetos, focados nas áreas de promoção dos direitos, saúde, educação, participação comunitária e segurança alimentar e nutricional. Mais de 75 mil crianças são atendidas. O trabalho da Plan se apóia em um plano estratégico construído em parceria com as comunidades, e também com governos e organizações não-governamentais.

### Mobilização de recursos

Sua participação é fundamental para que as crianças, sua família e sua comunidade se desenvolvam. Você pode apoiar o trabalho da Plan de várias maneiras: fazendo doações mensais, apresentando a Plan a seus amigos e/ou a sua empresa, contribuindo com prestação de serviços, entre outras. Não importa qual é o tamanho da sua empresa e da sua doação. Entre em contato para que possamos encontrar a melhor forma de trabalharmos em parceria. A participação de todos é importante, pois garante a sustentabilidade dos projetos.





Denilson de Santana, ex-vítima de bullying, hoje é monitor da Plan em Cabo de Santo Agostinho (PE)

# Paz para educar

*Apelidos, brincadeiras maldosas e abuso de poder no ambiente escolar podem trazer sérios prejuízos à formação dos alunos. Combater a violência física e psicológica na sala de aula é o objetivo da mais nova campanha da Plan*



A turma da 5ª série já estava quase toda na sala. Faltava Denilson, aguardado ansiosamente. O menino viu a porta entreaberta, a empurrou para entrar e tum! O cesto cheio de lixo, maldosamente ancorado no topo do batente, despencou sobre sua cabeça. Com o coração disparado, Denilson viu a classe inteira rindo da cara dele, especialmente os garotos que adoravam chamá-lo de “Baleia” e “Babão de Professor”.

Aos 7 anos, Mariana desejava nunca mais ter que ir à escola. A professora passava de mesa em mesa olhando os cadernos enquanto as crianças resolviam as questões. Quem errava leva-

va um golpe de régua na cabeça. Outra professora preferia gritar insultos como “burro!” e “estúpido!”.

Desde a pré-escola, Daniele defendia os colegas vítimas de piadas humilhantes. Com o tempo, as ofensas se voltaram contra ela. A menina mudou de escola três vezes. Entrou em depressão e, após um diagnóstico falho, foi temporariamente internada na ala psiquiátrica de um hospital.

Histórias como essas se repetem com mais de um milhão de crianças no mundo. Durante muito tempo, a violência escolar, física ou psicológica, foi vista como brincadeira inofensiva, ou como uma maneira aceitável de o professor impor autoridade. Nos anos 1970, porém, quando foram feitos os primeiros estudos sobre o assunto, essa visão começou a mudar. Batizado de bullying (termo inglês derivado do adjetivo bully, que significa “tirano”), o problema passou a ser visto como uma séria ameaça ao aprendizado e à saúde.

## Desafio a ser superado

Segundo o educador Gabriel Chalita, autor do livro *Pedagogia da Amizade – Bullying: o Sofrimento da Vítima e dos Agressores*, bullying é “toda forma de atos desumanos empregados para atemorizar, excluir, humilhar, desprezar, ignorar e perseguir os outros”. No Brasil, estima-se que o problema atinja 45% dos estudantes do ensino fundamental, segundo pesquisas do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar (Cemeobes).

Algumas vítimas conseguem superar os traumas sem grandes dificuldades. É o caso de Denilson de Santana, de Cabo de

Santo Agostinho (PE), hoje com 17 anos, recém-formado no ensino médio: “Ter ou não algum defeito, como os garotos da minha sala achavam que eu tinha, nunca foi motivo pra eu deixar de ser quem sou”, afirma. Mas muitas vezes não é assim. Mariana Pimenta, hoje com 27 anos, acredita que os exageros das professoras na sua infância abalaram fortemente a autoconfiança da turma. “Muitos não fizeram vestibular, porque nem sequer imaginavam que poderiam passar. Você já não acredita em si mesmo desde pequeno”, conta.

Em casos ainda mais graves, o bullying pode levar à morte. Ficou bem conhecido o caso da escola Columbine, nos Estados

a criar a campanha Aprender Sem Medo, que, no Brasil, começa a ser posta em prática em 2009, nas cidades de Cabo de Santo Agostinho (PE), São Luís (MA) e Codó (MA). A ideia é mobilizar governos, escolas e comunidades para que, juntos, possam combater o problema. “Queremos levar a discussão às entidades para fortalecer o direito à educação, à saúde e à segurança”, afirma Charles Martins, assessor nacional de educação da Plan. “Também queremos levantar dados para pesquisar o bullying, já que há poucos registros no Brasil”, completa. Uma das frentes de ação será a capacitação de professores. Haverá também um espaço

## Estimular a conscientização sobre o bullying e suas consequências é o primeiro passo para combatê-lo

Unidos, em 1999, quando dois meninos vítimas de humilhações assassinaram 12 colegas e uma professora, antes de se suicidarem. A opção de deixar de viver chegou a ser cogitada por Daniele Vuoto, hoje com 22 anos: “Ao caminhar para a escola, parei de olhar para os lados antes de atravessar as ruas. Achava que morrer seria lucro”, confessa. Mas ela conseguiu superar as provocações e, em 2005, deu vazão construtiva a seu sofrimento, criando o blog No More Bullying, destinado a alertar pais e professores sobre o assunto.

Estimular a conscientização sobre a violência na escola é o primeiro passo para combatê-la. Partindo dessa proposta, a Plan International realizou, em 2008, nos 66 países onde está presente, uma ampla pesquisa sobre o assunto. Os resultados impulsionaram a organização

de discussão acadêmica entre professores e alunos, para que juntos possam buscar soluções.

Algumas experiências comprovam que o empenho coletivo é uma ferramenta eficaz no combate ao bullying. Uma campanha implantada em 2002 numa escola de São José do Rio Preto (SP), por exemplo, conseguiu reduzir a abrangência do problema de 26% para 4% do número total de alunos em dois anos. Para tanto, a conscientização envolveu pais, professores e alunos. “Se meus professores e minha família tivessem tido orientação, eu descobriria mais cedo minha vocação, não teria tanto medo de arriscar”, afirma a ilustradora Mariana Pimenta. Com a participação de todos, a escola pode se tornar o ambiente seguro e confortável que o bom aprendizado exige. ●

# Expressão que transforma

Por meio da arte e da comunicação, jovens têm aberto os olhos para os problemas dos locais onde vivem e mobilizado a comunidade a fim de superá-los



Ricardo Silva e Lilia Maria Silva pintam mensagens ecológicas nos muros da periferia de São Luís (MA)

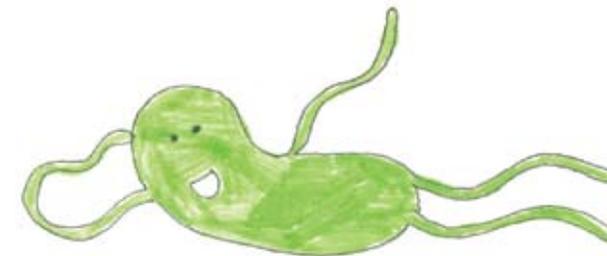
Ricardo Silva sempre gostou de ver os muros grafitados do centro de São Luís. Quando voltava para casa, na zona rural da capital maranhense, tentava reproduzir os traços no papel. Nos últimos meses, o garoto de 16 anos teve a oportunidade de aprender a criar seus próprios grafites, que passaram a lhe proporcionar até mesmo uma pequena renda. Ao mesmo tempo, Ricardo viveu outra importante transformação: tornou-se mais consciente dos problemas ambientais da sua comunidade, e passou a agir para combatê-los. O lixo de casa, por exemplo, que ia direto para o córrego,

hoje é embalado e entregue ao lixeiro. E é essa nova consciência que ele faz questão de expressar por meio do grafite.

Oberdan Augusto de Melo, de 13 anos, nem sequer tinha parado para pensar que sua comunidade sofre de graves problemas, como a poluição dos córregos e o tráfico de drogas. Há um ano, seus olhos se abriram. Hoje, com alguns amigos, ele elabora um jornalzinho que circula entre os moradores de Ponte dos Carvalhos, em Cabo de Santo Agostinho, na região metropolitana de Recife. Oberdan é fotógrafo e pauteiro, ou seja, responsável por definir que assuntos

serão abordados na publicação. Para isso, ele precisou conhecer melhor as queixas e os anseios dos seus vizinhos, e a partir do jornal quer ajudar a encontrar soluções para os problemas coletivos.

Ricardo e Oberdan fazem parte de projetos da Plan que usam formas de expressão como instrumentos de conscientização e transformação social. Ao mesmo tempo em que aprendem técnicas referentes a diferentes tipos de mídia, os jovens passam a entender melhor o lugar onde vivem e refletem essa tomada de consciência para toda a comunidade, mobilizando-a em busca de mudanças.



## Arte e meio ambiente

O projeto Grafiteiros Ecológicos, do qual Ricardo faz parte, envolve outros 84 adolescentes de cinco comunidades da Grande São Luís. A escolha pela linguagem do grafite foi baseada no perfil das áreas onde o programa é desenvolvido. “É uma forma fácil e eficiente de transformar essas comunidades que não têm o hábito da leitura, o que ocorre principalmente na zona rural”, explica Regina Carvalho, promotora comunitária responsável pelo projeto. Os jovens têm dois meses de aulas sobre ecologia e cinco a respeito da técnica de pintura. “Aqui a gente aprende que primeiro temos que saber o que está acontecendo com o mundo para depois desenhar”, conta Ricardo.

Diferentemente de Ricardo, que entrou no projeto porque já gostava de grafite, Lilia Maria Silva, de 20 anos, foi fisgada pela questão ambiental. Ela sempre se interessou pelo assunto, mas não tinha muita informação. Com o professor Luiz Eduardo Bruzaca, técnico agrícola e grafiteiro de 21 anos, ela aprendeu, por exemplo, por que o nome da comunidade onde vive é Rio Grande, apesar de só ter um pequeno córrego por ali. “A degradação ambiental fez o rio desaparecer”, explica.

Agora, assim como Ricardo, ela sabe que cada um precisa fazer sua parte para salvar o mundo. Nem que sejam pequenas atitudes, como não jogar lixo na rua e fechar a torneira ao escovar os dentes. Por meio dos grafites, eles multiplicam o que aprenderam, desenhando alertas da degradação ambiental, como árvores em chamas, córregos sujos e gente sofrendo com o calor. “É muito legal passar essa mensagem para a comunidade. Sei que demora até haver alguma mudança, mas se foi aos poucos que destruímos o meio ambiente, também pode ser assim que iremos salvá-lo”, afirma.

“Um passa o conhecimento para o outro, e assim a gente forma uma rede de ajuda”



Oberdan de Melo (esq.) e Jhonatas Vicente em uma das oficinas do projeto Pelo Direito de Comunicar, na Grande Recife (PE)

## Comunicação em rede

Estimular os jovens a reverberarem seu aprendizado na comunidade também é o mote do projeto do qual Oberdan faz parte, Pelo Direito de Comunicar, desenvolvido nas cidades de Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes, na Grande Recife. Ao detectar algum problema nos seus bairros, os 170 adolescentes que participam do programa são encorajados a divulgá-los para a comunidade, mobilizando-a em busca de soluções. Para tanto, cursam oficinas nas quais aprendem a elaborar jornais impressos, vídeos, programas de rádio e fotografias.

Feitas para serem divulgadas para a comunidade, eventualmente as peças de comunicação criadas pelos jovens

ultrapassam os limites locais. Em novembro de 2008, o vídeo *Filhos Deste Solo*, elaborado pelos meninos do projeto, foi finalista do 4º Festival de Jovens Realizadores de Audiovisual do Mercosul, que aconteceu em Fortaleza (CE).

Conforme os jovens vão ganhando experiência, eles mesmos começam a ensinar o que aprenderam a colegas mais novos. Foi o que aconteceu com Jhonatas Vicente, de 17 anos. Há três anos e meio participando de projetos da Plan relacionados à comunicação, hoje ele é um dos monitores do Pelo Direito de Comunicar. “A transformação ocorre devagar. Um passa o conhecimento para o amigo do lado, que passa para outro, e assim a gente forma redes em que todos ajudam a comunidade”, afirma. ●



A agente de leitura Aldenira de Jesus conta histórias para um grupo de moradores da zona rural de São Luís (MA)

## Educação muito além da sala de aula



*Aprender com prazer, para ser alguém melhor e fortalecer os laços sociais. É assim que a educação está sendo encarada em comunidades das periferias de São Luís e Recife*

Aldenira de Jesus, de 22 anos, sobe na bicicleta com uma bolsa de livros e um megafone e circula por sua comunidade, Itaperá, na zona rural de São Luís (MA), convidando os vizinhos para mais uma roda de leitura. Estudante de Pedagogia, há três meses ela era estagiária na escola local. Então, percebeu que poderia ser ainda mais útil à comunidade se estendesse a educação para além dos muros do colégio. Hoje, além das rodas na rua, ela também realiza leituras coletivas nos lares. “Levar esse hábito muda não só o aprendizado escolar da criança, mas também as relações familiares”, afirma.

Ela é uma das 32 agentes de leitura do projeto Letramento e Alfabetização, que tem aprimorado a educação dos alunos de 1ª e 2ª séries de 16 escolas das regiões de Itaquibacanga e Cidade Olímpica, na capi-

tal maranhense. Nessas áreas, onde a qualidade do ensino básico fica abaixo da média nacional, as crianças têm dificuldades em realizar tarefas como ver as horas e interpretar textos. Desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, o programa visa a atingir 3 mil alunos.

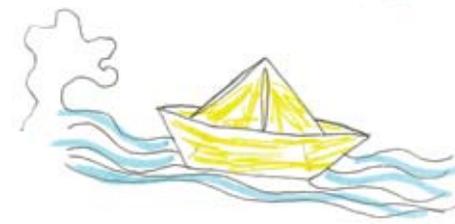
Além de formar agentes de leitura, o projeto também promove a construção de bibliotecas e a capacitação de professores. Como Albina Melo Oliveira. Ela aprendeu a tornar suas aulas mais divertidas e eficientes por meio de atividades como a encenação e a contação de histórias. “Fiquei maravilhada ao ouvir as crianças mais quietas darem respostas brilhantes”, emociona-se.

### Aprender e pertencer

Outro projeto da Plan que faz a educação extrapolar os limites da escola é o

Valorização da Educação Infantil, voltado às mães de crianças de oito creches de Cabo de Santo Agostinho (PE), na Grande Recife. Elas participam de oficinas sobre temas como prevenção de acidentes, violência doméstica, direitos humanos e educação infantil. “Ali eu aprendo que vale a pena lutar pelo que se quer. Para mim, que tenho depressão, é uma terapia”, conta Elaine Maria de Souza, de 42 anos.

Além de buscar melhorar a educação dos filhos por meio da inclusão social dos pais, o projeto também desenvolve a noção de comunidade. Prova disso é que um grupo de mães que se conheceram nas oficinas criaram, por iniciativa própria, uma espécie de clube para discutir temas como educação e saúde. Com sua conclusão planejada para os próximos meses, o projeto já vê brotarem as sementes que plantou. ●



## Escola nova, vida nova

*A reforma de duas pré-escolas em Timbiras e Codó, no Maranhão, acena para um futuro de mais educação e oportunidade*



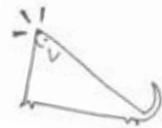
No alto, professora e alunos de Timbiras (MA) na nova pré-escola construída pela Plan. Acima, à esq., o prédio antigo. À direita, a nova fachada

A única pré-escola de Timbiras (MA) ficava ao lado de uma usina de arroz que libera no ar um pó tóxico capaz de comprometer a elasticidade do pulmão. Na pequena casa, armários desgastados faziam as vezes de divisórias e o banheiro apresentava vazamento. Na comunidade Cajazeiras, em Codó (MA), as crianças entre 4 e 6 anos estudavam em um galpão de paredes de taipa e chão batido.

Quando o ano letivo de 2009 começou, porém, tudo isso mudou. Em parceria com as prefeituras, a Plan promoveu a construção de uma nova pré-escola em Timbiras – longe da fábrica de arroz, num terreno doado pela administração municipal – e a completa reforma do prédio de Codó, agora de alvenaria.

As novas instalações contam com salas para os professores e a diretoria, refeitório, banheiros adaptados para as crianças e salas separadas para cada turma. Além do conforto, a capacidade foi aumentada. Agora, todas as crianças entre 4 e 6 anos das comunidades onde as pré-escolas estão inseridas poderão estudar. São 240 vagas em Timbiras e 300 em Codó. “Tem muito espaço para a gente brincar, tem banheiro só para as meninas e até uma cozinha!”, festeja Renata Vaniele de Oliveira, de 4 anos, de Timbiras.

“A qualidade de ensino não se faz somente com bons professores, mas com instalações físicas que funcionem”, afirma Patricia Barroso, gerente da unidade da Plan em Codó. E não só as crianças devem ser beneficiadas pelas novidades: “A Plan vai capacitar do professor ao faxineiro, para que todos saibam a importância de fazer parte direta ou indiretamente da formação dessas crianças”, diz Patricia. “Quero ser professora, e a nova escola vai me ajudar muito nisso. Vou poder prestar mais atenção nas aulas e aprender mais”, afirma Laiane da Silva, de 4 anos, de Timbiras. ●



# Do desabafo à transformação

*Moradores de áreas carentes da Grande Recife descobrem que sentar para conversar, se conhecer e discutir os problemas locais é o primeiro passo para melhorar o mundo ao redor*

Alessandra de Oliveira, de 10 anos, está cansada de apanhar da irmã mais nova. Considera-se injustiçada: “Sempre defendem a Rafaela”, alega. Certo dia, ela enfim pôde desabafar. E havia vários vizinhos da comunidade Vila Celpe, em Jaboatão dos Guararapes (PE), para ouvi-la. “Tava entupido na minha goela, eu fui lá e falei”, conta, aliviada.

Eventualmente, Ana Lucia de Aquino, de 42 anos, também moradora da Vila Celpe, vê crianças da comunidade cometendo pequenos furtos. Fica indignada, mas ao mesmo tempo constrangida de conversar sobre isso com as mães dos meninos. Num encontro como aquele do qual a pequena Alessandra participou, Ana Lucia também conseguiu expor suas preocupações. E viu que não eram só dela. Outros vizinhos já haviam atentado para a questão, que a partir de então passou a ser vista como um problema coletivo.

As reuniões freqüentadas por Alessandra e Ana Lucia fazem parte do projeto Terapia Comunitária, que a Plan está desenvolvendo em 11 comunidades de Jaboatão dos Guararapes. Os moradores são convidados a se reunir uma vez por semana, para debater sobre os problemas que têm enfrentado. Os fóruns fazem florescer o sentido de comunidade: após o desabafo, vem a percepção de que muitas das questões afetam a todos, a conscientização de quais são as mais urgentes e a certeza de que fica muito mais fácil resolvê-las em conjunto. “Se



Moradores da comunidade Rock III, em Jaboatão dos Guararapes (PE), participam do projeto Terapia Comunitária

a comunidade não se reconhece como grupo, os projetos e as conquistas tendem a ser abandonados, pois não há um planejamento comum”, afirma o gerente da unidade da Plan em Cabo de Santo Agostinho (PE), Dov Rosenmann.

Não à toa, as reuniões mais concorridas são as das comunidades mais carentes, como Vila Roque 3 e Vila Boa Esperança, onde não há saneamento

básico, posto de saúde nem espaço de lazer. Lá, os encontros chegam a ter 90 pessoas, enquanto a média geral fica em torno de 20. “A carência dessas pessoas faz com que elas se aproximem mais. E essa é a única forma de a mudança acontecer”, defende Dov. Ana Lucia assina embaixo: “Numa comunidade carente como a nossa, cheia de problemas, é assim que a gente se ajuda”. ●



## Multiplicando a paz

“Justiça, liberdade, dignidade e respeito como princípios de paz” foi o tema do seminário realizado em 12 de dezembro, em Codó (MA), para marcar o fim do segundo dos cinco módulos do projeto Jovens Construtores do Saber. A fim de resgatar a auto-estima dos jovens e estimulá-los a implantar uma cultura de paz em suas comunidades, o programa conta com oficinas sobre temas como afetividade, ética e cidadania.

## Programa H chega ao fim

Após três anos, foi concluído em outubro de 2008 o Programa H, que reuniu homens jovens e adultos de Cabo de Santo Agostinho (PE) para tratar de temas como respeito às mulheres, saúde sexual, violência e educação familiar. “Agora eles são procurados na comunidade para passar as informações que adquiriram”, afirma Dov Rosenmann, gerente da unidade da Plan na cidade. Atendendo a pedidos, deverá ser desenvolvido um programa similar voltado às mulheres.

## Nova Campanha de Paternidade

Começa no primeiro semestre de 2009, em cinco cidades de Pernambuco, a terceira edição da Campanha de Paternidade. Durante uma semana, as comunidades serão orientadas sobre a importância do reconhecimento voluntário dos filhos pelos pais. A emissão dos documentos será gratuita. Entre a primeira e a segunda edições, o número de registros realizados durante a campanha aumentou de 1.700 para 5.700.

## Futebol para a vida

Encerrou-se em 8 de novembro a Segunda Rodada do Campeonato de Futebol Feminino Amador de Codó (MA), organizado pela Plan com apoio da Liga de Futebol Amador local. Agora, jogadoras, árbitros e técnicos passarão por uma fase de capacitação, que consiste em duas abordagens: uma prática, para aqueles que pretendem se profissionalizar, e outra teórica, que discutirá temas como a valorização da mulher, o preconceito e a sexualidade.

